

2023: O PRIMEIRO ANO DO GOVERNO LULA 3

Waldir Quadros¹

MELHORIAS SOCIAIS EM 2023

Com os dados da PNAD Anual, o IBGE divulgou uma série de indicadores que demonstram uma expressiva melhora das condições sociais em 2023². No mercado de trabalho, o emprego avançou, a renda dos trabalhadores cresceu e o desemprego diminuiu. A renda média familiar per capita, que incorpora todos os membros da família e não apenas os ocupados, atingiu R\$ 1.848 com alta de 11,5% em relação ao verificado em 2022. Por sua vez, a pobreza e miséria caíram.

Uma contribuição relevante foi um razoável crescimento do PIB, bem como o aumento real do Salário Mínimo. Em relação às camadas populares cabe destacar o papel do programa Bolsa Família, que teve seus valores corrigidos e atinge 16,9% dos domicílios.

Em entrevista recente à Folha de São Paulo³, com base nos dados da PNAD Contínua⁴, os pesquisadores Marcelo Neri (FGV/Social) e Marcos Hecksher (IPEA) também apontaram avanços significativos nos rendimentos das pessoas ocupadas.

¹ Professor aposentado do IE/UNICAMP onde é pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho – CESIT. Professor da FACAMP de 2013 a 2022. Nossos agradecimentos ao colega Dr. Alexandre Gori Maia, Professor do IE/UNICAMP. Sem sua colaboração seria impossível realizar minhas pesquisas.

² <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39809-em-2023-massa-de-rendimentos-e-rendimento-domiciliar-per-capita-atingem-recorde>

³ Cf. Folha de São Paulo, “Renda do trabalho dos brasileiros tem a maior alta desde o Plano Real”, 30 de março de 2024.

⁴ A Pnad Continua (mensal e trimestral), realizada pelo IBGE, apresenta os dados das pessoas ocupadas e seus rendimentos. Não incorpora as rendas de outras fontes, tais como Bolsa Família, aposentadorias e pensões, aluguéis, rendas financeiras. Estas informações constam apenas da Pnad Anual.

Entretanto, ainda que importantes, por si sós, estes relevantes progressos se defrontam com as enormes carências da população acumuladas ao longo das últimas décadas, e com particular agravamento desde 2015.

Vem daí o forte descontentamento que grassa em nossa sociedade.

É imperiosa a urgente reestruturação das políticas sociais nas áreas da Saúde, Educação, Segurança Pública, Transporte, Habitação, Segurança Alimentar, Saneamento entre outras, totalmente devastadas pelo teto de gastos.

E também o reequipamento e modernização da máquina pública, impotente e claudicante.

No que diz respeito ao desenvolvimento econômico, o diagnóstico do Governo aponta corretamente a necessidade de pesados investimentos em infraestrutura e reindustrialização ambientalmente sustentável.

Contudo, todas essas ações governamentais sociais e econômicas requerem a expansão do gasto público. O que é inaceitável para os interesses dominantes na esfera financeira e no agronegócio, irmanados na defesa dos gastos com juros.

Ou seja, o governo deve gastar pouco para que sobrem recursos para servir aos interesses dos financistas. Basta mencionar que em 12 meses os gastos com juros totalizaram R\$ 750 bilhões, equivalentes a 6,8% do PIB, que não estão sujeitos ao teto de gastos⁵.

⁵ Cf. RONCAGLIA, André. “Nova temporada de pânico fiscalista” In: Folha de São Paulo, 19 de abril de 2024.

Da mesma forma, é visível a má vontade dos meios de comunicação diante do desempenho econômico e social mais favorável no atual Governo, refletindo os mencionados setores hegemônicos.

Sintonizados com o conservadorismo predominante no Congresso Nacional, preferem o Governo fragilizado, sem condições políticas de implementar as medidas necessárias.

Em particular, a situação dos jovens é extremamente preocupante, ao não vislumbrarem perspectivas de progresso. Inseridos nos valores culturais predominantes, são tomados pela praga do individualismo, ceticismo e consumismo exacerbado.

O papel que a educação poderia cumprir, cultivando os valores da ética e cidadania, é frustrado pela falência das escolas públicas. O que, junto com a precariedade do mercado de trabalho juvenil (mas não só dele), em grande medida explica o enorme contingente daqueles que não trabalham e não estudam, os tristemente famosos “nem-nem”⁶.

Parcela importante é composta por meninas negras e pobres, com filhos e sem suporte familiar para cuidar deles, junto com a oferta insuficiente de creches públicas em período integral.

Entre os jovens, é generalizada a descrença, plenamente justificada, na política tradicional e nos partidos. Os (as) mais conscientes e politizados (as) atuam em ONGs, nas redes sociais e coletivos, em grupos voltados às questões de raça e gênero, mas também ambientais e culturais. Chama atenção a participação de mulheres, sobressaindo as negras.

⁶ Cf. IBGE Pnad Contínua, Educação. Jovens de 15 a 19 anos que não estudam nem trabalham chegaram a 9,6 milhões em 2023, correspondendo a 19,8% dos 48,5 milhões desta faixa etária.

Na Baixa Classe Média, e também nas camadas populares, o ensino superior é bastante valorizado na busca da ascensão social.

Assim, em uma sociedade tão desigual como a nossa, a política de cotas tem um papel extremamente relevante. Ao lado dos benefícios para o ambiente universitário da inclusão e diversidade, aproximando-o do padrão demográfico nacional, já se comprovou suficientemente o bom desempenho dos alunos cotistas, muitas vezes superior ao dos não cotistas.

Penso, contudo, que resta esclarecer melhor os alunos não cotistas destes impactos positivos.

Muitos se julgam prejudicados na disputa pelo acesso, principalmente no que se refere às instituições públicas mais concorridas. Entretanto, é preciso atentar que o grande aumento de vagas nas faculdades já existentes, mas principalmente nas que foram criadas recentemente, em particular nas Instituições Públicas Federais, contribuiu para, no mínimo, preservar as vagas de ampla concorrência.

Ou seja, em termos “objetivos”, nada impede que cotistas e não cotistas componham uma comunidade fraterna e solidária, desempenhando um papel de enorme importância na construção de uma sociedade mais justa, melhor para todos. O que, aliás, sempre foi o papel histórico do movimento estudantil progressista.

Porém, os obstáculos “subjetivos” são enormes e provavelmente predominantes. Temos em mente os já mencionados individualismo, ceticismo, consumismo e despolitização. São circunstâncias bastante desfavoráveis aos

valores e atitudes democráticas, favorecendo alinhamentos conservadores e direitistas.

Que estão em linha com o que ocorre em grande parte dos países.

Como o movimento estudantil poderia enfrentar esta situação bastante adversa? Diante do egoísmo, difundindo a solidariedade. Frente, o individualismo, estimulando ações coletivas. Cultivando a sobriedade como alternativa ao consumismo desenfreado.

Um caminho bastante promissor para tanto, já trilhado historicamente, diz respeito às atividades culturais e artísticas, bem como aos grupos de estudos acadêmicos e extra-acadêmicos.

Além de, como sempre, participando dos movimentos sociais e mobilizações contra o obscurantismo.

AVANÇOS NA MOBILIDADE SOCIAL EM 2023

A mobilidade social pode ser entendida como as movimentações das famílias ou indivíduos na estrutura social. Quando ocorre uma melhora, a mobilidade é chamada de ascendente; já no caso de uma piora tem-se a descendente.

O primeiro passo para esta análise reside na estratificação social dos indivíduos e famílias.

Apresentamos a seguir alguns rápidos esclarecimentos sobre a metodologia que adotamos na estratificação.

Em primeiro lugar, e preciso destacar que ela se baseia na renda declarada aos recenseadores nos inquéritos domiciliares.

Nos domicílios sorteados pelo IBGE todos os membros adultos da família, ou apenas um deles em nome dos demais, respondem ao questionário completo. O aspecto da declaração é fundamental em relação à renda.

É senso comum entre os recenseadores a sub declaração que ocorre nas camadas superiores. Por isso é que os ricos não estão representados na estratificação. Em pequeno número, eles se encontram entre os membros da Alta Classe Média, sendo impossível detectá-los com as informações disponíveis nos inquéritos domiciliares.

Entretanto, se a renda declarada não traduz corretamente a gravidade da concentração da renda no topo da pirâmide, ela serve para a estratificação social. Isso porque, independente da sub declaração é possível classificar os declarantes.

Nossa metodologia adota a ideia da rede de pesca, em que as malhas servem para selecionar o tamanho dos peixes desejados. Para os maiores, malhas mais largas, para os menores, mais estreitas.

Aqui, o tamanho das malhas compõe as “faixas de corte” e são dimensionadas a partir de “ocupações típicas”. Em outras palavras, as faixas de corte das camadas superiores foram fixadas de forma a capturar as ocupações que teoricamente⁷ sabemos que pertencem a elas no Brasil. Ou seja, partimos das ocupações e não de seus rendimentos⁸. Por exemplo, na a Alta Classe Média os pequenos e médios empresários, diretores e profissionais de nível superior. Na Média Classe Média, gerentes, supervisores e técnicos especializados. Na Baixa Classe Média, auxiliares de escritórios, professoras do nível fundamental e auxiliares de enfermagem.

A camada dos Miseráveis foi classificada como aquela que declarava rendimentos que chegavam até o salário mínimo no momento em que as faixas de corte foram fixadas (Jan/2004). E depois, ela e todas as demais faixas de corte são atualizadas com base na inflação medida pelo INPC.

⁷ A partir de MILLS, C. Wright. “A Nova Classe Média (White Collar)”. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

⁸ Como dissemos, as diversas ocupações são estratificadas a partir dos rendimentos médios de todos os seus integrantes. Num segundo momento, os indivíduos que integram uma ocupação específica também são classificados com base nos rendimentos que declaram. Assim, cada ocupação terá seus membros distribuídos pelas várias camadas.

Finalizando, a camada da “Massa Trabalhadora” pobre é aquela que fica entre os miseráveis e a baixa classe média.

Merece registro que nossa metodologia considera, além dos indivíduos, também a agregação das famílias domiciliares, ou seja, que habitam o mesmo domicílio. A classificação das famílias é realizada com base na posição social do seu membro melhor remunerado.

A) A MOBILIDADE SOCIAL EM 2023

O QUADRO NACIONAL

A Tabela 1 apresenta a estratificação da população brasileira estimada pelo IBGE em 2022 e 2023, em milhares de pessoas, e a Tabela 2, em porcentagem.

TABELA 1 - NÍVEL SOCIAL FAMILIAR
(Em mil pessoas)

ANO	ALTA CLASSE MÉDIA	MÉDIA CLASSE MÉDIA	BAIXA CLASSE MÉDIA	MASSA TRABALHADORA	MISERÁVEIS	TOTAL
2023	21.850	34.923	89.519	53.942	15.368	215.602
2022	18.782	32.433	88.635	55.337	18.967	214.154

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

TABELA 2 - NÍVEL SOCIAL FAMILIAR
(Em %)

ANO	ALTA CLASSE MÉDIA	MÉDIA CLASSE MÉDIA	BAIXA CLASSE MÉDIA	MASSA TRABALHADORA	MISERÁVEIS	TOTAL
2023	10,1	16,2	41,5	25,0	7,1	100,0
2022	8,8	15,1	41,4	25,8	8,9	100,0

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

Como se observa pela Tabela 2, em 2023 ocorre uma redução das famílias classificadas como Miseráveis e Massa Trabalhadora (Pobres). Por sua vez, a Baixa Classe Média fica praticamente estável.

Para um exercício de interpretação da mobilidade social, admite-se que ela ocorre em degraus, ou seja, as famílias sobem (ou descem) um nível a cada ano.

Assim sendo, 1,8% dos Miseráveis sobe para a Massa Trabalhadora. Como esta também diminui em 0,8%, significa que a ascensão atinge 2,6% daqueles que em 2022 encontravam-se nesta camada.

A Baixa Classe Média recebe estes 2,6% da população, mas aumenta apenas 0,1%, o que pode ser interpretado como uma mobilidade de 2,5% entre seus ocupantes em 2022.

Estes 2,5% sobem para a Média Classe Média, que cresce em 1,1%. Desta forma, 1,4% dos membros desta camada em 2022 alcança a Alta Classe Média.

Estas movimentações em porcentagens da população ficam mais claras quando as traduzimos em números de pessoas.

Para tanto, construímos a Tabela 3, em que aplicamos as porcentagens de 2022 sobre a população total de 2023 (215.602 mil pessoas). Com este procedimento de “atualização” procuramos isolar o crescimento vegetativo e, com isto, as variações anuais podem ser atribuídas exclusivamente à mobilidade entre as camadas.

Completando a análise da mobilidade da população vamos considerar também as variações na renda média das famílias envolvidas, com base na Tabela 4.

TABELA 3 - NÍVEL SOCIAL FAMILIAR
(Em mil pessoas - Atualizadas)

ANO	ALTA CLASSE	MÉDIA CLASSE	BAIXA CLASSE	MASSA TRABALHADORA	MISERÁVEIS	TOTAL
------------	--------------------	---------------------	---------------------	---------------------------	-------------------	--------------

	MÉDIA	MÉDIA	MÉDIA			
2023	21.850	34.923	89.519	53.942	15.368	215.602
2022	18.908	32.642	89.238	55.712	19.102	215.602

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

TABELA 4 – RENDA MÉDIA FAMILIAR
(Em reais)*

ANO	ALTA CLASSE MÉDIA	MÉDIA CLASSE MÉDIA	BAIXA CLASSE MÉDIA	MASSA TRABALHADORA	MISERÁVEIS	TOTAL
2023	21.889	7.950	4.001	2.026	571	5.715
2022	20.798	7.785	3.894	2.036	547	5.189

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

*A preços de out.2023.

Analisando conjuntamente os dados das Tabelas 3 e 4, verifica-se que 19,5% dos Miseráveis saem desta situação, envolvendo 3,7 milhões de pessoas. Eles passam para a Massa Trabalhadora (pobres), aumentando sua renda média familiar de R\$ 547 em 2022 para R\$ 2.026 em 2023, com ganho de R\$ 1.479 (+ 270%).

Já os 15,4 milhões que permanecem na mesma camada sobem de R\$ 547 para R\$ 571, com aumento de R\$ 24 (+ 4%).

Na Massa Trabalhadora 1,8 milhão, ou seja, apenas 3% do total, alcança a Baixa Classe Média, com uma elevação da renda média familiar de R\$ 2.036 para R\$ 4.001 (+ R\$ 1.965, ou 96,5%).

Os 53,9 milhões que se mantêm na camada original caem de R\$ 2.036 para R\$ 2.026, perdendo R\$ 10 (-0,5%), uma queda inexpressiva.

Resumindo de forma panorâmica a mobilidade nas camadas populares, temos que o dinamismo em 2023 localiza-se basicamente entre os Miseráveis.

Cabe agora examinar o que ocorre nas duas camadas superiores da estrutura social.

Em 2023 a Alta Classe Média aumenta em 2,9 milhões de pessoas, que representam 16% do contingente inicial. A renda média inicial cresce de R\$ 20.798 em 2022 para R\$ 21.889 em 2023, um ganho de 5%.

As pessoas que em 2022 anteriormente estavam na Média Classe Média, tiveram uma elevação da renda média familiar de R\$ 7.785 para R\$ 21.889, um crescimento de 181%.

A Média Classe média cresce em tão somente 280 mil pessoas (0,9%). Aquelas que estavam na Baixa Classe Média, avançam de uma renda média familiar de R\$ 3.894 em 2022 para R\$ 7.950 em 2023, com aumento de 104%.

Para concluir, observa-se que a Baixa Classe Média, o segmento mais numeroso da estrutura social, permanece praticamente estável, com uma elevação da renda média familiar de R\$ 3.894 em 2022 para R\$ 4.001 em 2023 (+ 3%).

Desta forma, temos em 2023 uma nítida polarização na mobilidade social, com o dinamismo localizando-se na Alta Classe Média e entre os Miseráveis.

Com certeza este cenário deve ter sua influência no estado de espírito dos setores médios que ficaram relativamente estagnados em 2023.

B) O PERFIL DOS JOVENS

Como se observa na Tabela 5, a concentração dos jovens de 20 a 24 anos acompanha em grandes linhas a distribuição do conjunto da população (Tabela 2).

A proporção de jovens de 20 a 24 anos entre as famílias dos Miseráveis é a mesma que na Alta Classe Média, e a maior parte encontra-se na Baixa Classe Média, 7,4 milhões ou 45,2%.

TABELA 5
JOVENS DE 20 a 24 ANOS - NÍVEL SOCIAL FAMILIAR
2023

EXTRATOS SOCIAIS	(em %)	(Em mil pessoas)
Alta Classe Média	7,4	1.205
Média Classe Média	14,0	2.285
Baixa Classe Média	45,2	7.367
Massa Trabalhadora	26,1	4.254
Miseráveis	7,3	1.185
TOTAL	100,0	16.296

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

Não apenas por sua expressão numérica, estes jovens da Baixa Classe Média merecem especial atenção. Embora situados acima das duas camadas populares, sua situação não é das mais confortáveis e, com certeza, almejam ingressar nas camadas superiores.

A questão central diz respeito às dificuldades de terem acesso a um padrão de vida mais confortável. Esta situação, compartilhada com as camadas populares, em geral provoca frustração e raiva, sendo que esse estado de espírito pode se manifestar de inúmeras formas: desânimo, fanatismos, vícios, transgressões, revolta etc.

Em que pese a perda de atração que o ensino superior vem sofrendo nos últimos anos, ele ainda é um caminho valorizado para a pretendida ascensão.

A Tabela 6 apresenta os dados da escolaridade para 2023 dos jovens de 20 a 24 anos, na agregação familiar, ou seja, que contempla todos os membros da família.

TABELA 6
JOVENS DE 20 a 24 ANOS - NÍVEL SOCIAL FAMILIAR - ESCOLARIDADE
2023

ESCOLARIDADE	Nº (Mil pessoas)	%
Sem instrução	169	1,0
Fundamental incompleto ou equivalente	1.343	8,2
Fundamental completo ou equivalente	1.028	6,3
Médio incompleto ou equivalente	1.792	11,0
Médio completo ou equivalente	7.905	48,5
Superior incompleto ou equivalente	2.878	17,7
Superior completo	1.181	7,3
Total	16.296	100,0

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

Como se observa, ainda que o Ensino Médio predomine, já é relativamente expressiva a parcela que ingressou no Ensino Superior: 17,7% no superior incompleto e 7,3% no completo, totalizando 25%.

Em relação aos jovens ocupados de 25 a 29 anos, apresentados na Tabela 7, as proporções são ainda mais expressivas: 9,8% no Superior incompleto e 25,4% no Superior completo, atingindo 35,2%.

Este quadro deve estar indicando que o ensino superior vem sendo uma credencial cada vez mais valorizada para um jovem conseguir ser selecionado para as ocupações da Baixa Classe Média, ou nelas se manter.

TABELA 7
JOVENS OCUPADOS – NÍVEL SOCIAL INDIVIDUAL – 2023
25 a 29 ANOS

ESCOLARIDADE

ESCOLARIDADE	Nº (mil)	%
Sem instrução	65	0,5
Fundamental incompleto ou equivalente	958	7,6
Fundamental completo ou equivalente	677	5,4
Médio incompleto ou equivalente	1.004	8,0
Médio completo ou equivalente	5.480	43,4
Superior incompleto ou equivalente	1.232	9,8
Superior completo	3.211	25,4
Total	12.628	100,0

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

Os dados da Tabela 8 revelam que a maioria (57%) destes jovens é do sexo masculino e os da Tabela 9 que 56,6% são negros (pretos e pardos).

TABELA 8
JOVENS OCUPADOS – NÍVEL SOCIAL INDIVIDUAL – 2023
25 a 29 ANOS
SEXO

SEXO	Nº (mil)	%
Masculino	7.193	57,0
Feminino	5.435	43,0
Total	12.628	100,0

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

TABELA 9
JOVENS OCUPADOS – NÍVEL SOCIAL INDIVIDUAL – 2023
25 a 29 ANOS

RAÇA/COR

RAÇA/COR	Nº (mil)	%
Branca	5.340	42,3
Preta	1.425	11,3
Amarela	102	0,8
Parda	5.722	45,3
Indígena	36	0,3
Ignorado	3	0,0
Total	12.628	100,0

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

C) OPORTUNIDADES OCUPACIONAIS PARA OS JOVENS

A Tabela 10 apresenta a estrutura social dos jovens ocupados de 20 a 24 anos em 2019, e os de 25 a 29 anos em 2023. Ou seja, a evolução nos últimos cinco anos nestas duas faixas etárias.

TABELA 10
JOVENS OCUPADOS – NÍVEL SOCIAL INDIVIDUAL

EXTRATO SOCIAL	2019		2023		EVOLUÇÃO: 25 a 29 anos - 20 a 24 anos
	20 a 24 anos		25 a 29 anos		
	Nº (mil pessoas)	%	Nº (mil pessoas)	%	Nº (mil pessoas)
Superior	40	0,4	459	3,6	419
Médio	365	3,9	1.387	11,0	1.023
Baixo	3.891	41,2	5.864	46,4	1.972
Inferior	3.522	37,3	3.688	29,2	166
Ínfimo	1.325	14,0	1.079	8,6	-245
Ignorados	310	3,3	151	1,2	-159
Total	9.452	100,0	12.628	100,0	3.176

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

Ao longo do período aumenta o número de jovens ocupados (+ 3,2 milhões), por força do ingresso no mercado de trabalho de inativos ou desempregados.

Em 2023 verifica-se certa melhora na estratificação: avança a parcela daqueles que se situam na Baixa e na Média Classe Média. E, mais discretamente, na Alta Classe Média. Por outro lado, as duas camadas inferiores retrocedem.

Este desempenho tem dois componentes: tanto reflete o progresso entre aqueles que já estavam ocupados, por força de maior qualificação e experiência; como o ingresso de uma parcela já em melhores condições profissionais.

De certa forma, o perfil ocupacional da faixa de 25 a 29 anos indica as possíveis oportunidades para os mais novos.

A Tabela 11 apresenta as 10 ocupações mais numerosas dos jovens de 25 a 29 anos da Baixa Classe Média. São basicamente trabalhadores de base que declararam em 2023 um rendimento médio global de R\$ 2.194

A primeira delas engloba os Escriturários Gerais, com 402 mil ocupados, 6,9% do total, com uma renda média de R\$ 2.175.

Em seguida temos os Balconistas e Vendedores de Lojas, com 286 mil, 4,9% do total e renda média de R\$ 2.032.

Entre as demais ocupações destacadas encontram-se Motoristas, Trabalhadores do Comércio e Serviços de Beleza, Pedreiros e Profissionais de nível médio de Enfermagem.

TABELA 11
PRINCIPAIS OCUPAÇÕES DOS JOVENS DE 25 a 29 ANOS
BAIXA CLASSE MÉDIA

2023

PRINCIPAIS OCUPAÇÕES	Nº (mil)	%	Renda Média*
Escriturários gerais	402	6,9	2.175
Balconistas e vendedores de lojas	286	4,9	2.032
Condutores de automóveis taxis e caminhonetes	133	2,3	2.213
Trabalhadores de controle de abastecimento e estoques	117	2,0	1.957
Comerciantes de lojas	105	1,8	2.273
Condutores de caminhões pesados	102	1,7	2.245
Caixas e expedidores de bilhetes	100	1,7	1.833
Especialistas em tratamento de beleza e afins	97	1,7	2.200
Profissionais de nível médio de enfermagem	96	1,6	2.131
Pedreiros	95	1,6	2.251
Sub Total	1.532	26,1	
Demais ocupações	4.332	73,9	
Total	5.864	100,0	2.194

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

*A preços de out.2023.

O exame da estrutura ocupacional desses jovens, tal como se apresenta na Tabela 12, revela dois grupos predominantes de assalariados: “Colarinhos Brancos” Assalariados (38,7%) e Trabalhadores Assalariados (37,9%). Os Trabalhadores Autônomos alcançam 12,7% do total.

TABELA 12
ESTRUTURA OCUPACIONAL DOS JOVENS DE 25 a 29 ANOS

BAIXA CLASSE MÉDIA

2023

ESTRUTURA OCUPACIONAL	Nº (mil pessoas)	%
"Colarinhos Brancos" Assalariados	2.269	38,7
Trabalhadores Autônomos	747	12,7
Trabalhadores Assalariados	2.221	37,9
Sub Total	5.236	89,3
Demais ocupações	628	10,7
Total	5.864	100,0

Fonte: IBGE, Pnad Contínua Anual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrar esse breve ensaio, é importante enfatizar a urgente necessidade da retomada do desenvolvimento econômico e social. Só assim será possível enfrentar as enormes carências e desigualdades que assolam a sociedade brasileira.

Porém, como registrado na abertura, isso só será possível se nos livrarmos da perniciosa dominação dos interesses financeiros. O que requer uma forte, ampla e decidida ação de cidadania.

Neste sentido, os jovens podem desempenhar um papel muito relevante em nossa sociedade tão polarizada e violenta, funcionando como fermento para enfrentar a apatia, desorientação e desmobilização.

Um aspecto relevante é o papel historicamente desempenhado pelo movimento estudantil. A nova composição demográfica, mais igualitária, pode ampliar o alcance de suas bandeiras, tal como a relevante presença de jovens universitários trabalhadores.

Este expressivo contingente que acumula ensino e trabalho pode, inclusive, servir de canal de acesso ao movimento sindical, que enfrenta sérias dificuldades para atrair os jovens trabalhadores.